

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Este trabalho compreende o meio jornalístico como um espaço para pensar o linguístico, tendo como *corpus* de análise publicações da Revista *Super Interessante*. Na prática da escrita jornalística, observamos as movimentações do sujeito-autor, que na posição que ocupa – a de cientista – é (in)capaz de trazer à tona, toda a materialidade que poderia ser contemplada na publicação da matéria. Para o desenvolvimento da pesquisa, mobilizam-se conceitos da Análise do Discurso, como real da língua, real da história, bem como o conceito de acontecimento na estrutura.

METODOLOGIA

Uma das etapas de nossa pesquisa foi a construção de um arquivo com textos que permitissem pensar o imaginário sobre língua na mídia. Como não há um modelo de aplicação pré-estabelecido, a seleção do *corpus* deu-se a partir reportagens, artigos, estudos e/ou discussões acerca de língua e outros assuntos em revistas de divulgação de ciência.

A partir disso, analisamos o conteúdo existente na matéria publicada buscando discutir os efeitos dos mecanismos utilizados para a divulgação das relações humanas em uma revista que, além de se preocupar em abordar assuntos referentes às ciências exatas e biológicas, passou a discutir também sobre as relações humanas. A partir disso, evidenciamos o imbricamento de duas posições que o sujeito ocupa – a de cientista e a de jornalista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As condições da reprodução/ transformação no complexo das ideologias teóricas, é considerado um espaço de ação entre o real linguístico e a produção do jornalismo que divulga a ciência, onde a necessidade pela descoberta impulsiona a produção de inovações, que só acontece pela ação de um determinado sujeito.

Nesse processo, segundo Pêcheux, (1988, p.193) [...] o momento histórico do corte que inaugura uma ciência dada é acompanhado necessariamente de um questionamento da forma-sujeito e da evidência do sentido que nela se acha incluída”, conforme verificamos no recorte (1)

Recorte (1)

“Quer viver um grande amor? Pergunte-me como.” Parece uma promessa de charlatão – afinal, não existe nada mais imprevisível que a paixão, certo?”

Vejamos que o sujeito na posição ideológica que ocupa, deixa escapar a afirmação de que o científico não pode se apoiar em impressões pessoais e subjetivas para considerar o jornalismo de divulgação da ciência. Nesse processo o sujeito- na posição de cientista- acaba ficando ausente do seu discurso, causando um efeito “cego”, que nesse processo destaca-se o real linguístico.

Assim, segundo Pêcheux (1988, p.201) “o processo de produção dos conhecimentos no continente das “ciências da natureza” é a de ser cego *enquanto tal* aos efeitos que nele se inscrevem” fator que ao mesmo tempo garante a subjetividade no intuito de sustentar o argumento na inauguração de um novo discurso jornalístico de divulgação científica, apresentando-se inicialmente sem fim para o sujeito que a produz, e aparentemente inovador para o indivíduo que desconhece o saber apresentado.

Por isso, ciente da materialidade existente no conteúdo da matéria jornalística, compreendemos que a objetividade e a precisão, não se garantem ao término da produção escrita imposta pelo sujeito-autor. Isso porque, o indivíduo que produz a matéria, deixa traços de sua subjetividade. No intuito de sustentar seu discurso, sobre pesquisas realizadas, ao divulgar a ciência e manifestar seu discurso em uma condição complexa e limitada, o sujeito-jornalista abre espaços para que o público leitor possa polemizar sentidos, sobre o discurso que se mantém (im)parcial e incompleto, mas que constantemente produz outros sentidos em segmentos sociais heterogêneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, é notável que a materialidade empregada na interioridade do texto apresenta-se incompleta, pois a objetividade e a precisão, não se garantem ao término da produção escrita; característica que o indivíduo na condição de reprodutor do discurso jornalístico, utiliza a língua para causar um efeito de inauguração e divulgação da ciência, objetivando manifestar a materialidade em uma condição complexa e limitada, a qual apresenta espaços que possibilitam polemizar sentidos, sobre a escrita mantida (im)parcial e incompleta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FÁVERO, Altair Alberto; SCHONS, Carme Regina, 2009. *Tensão entre a vulgarização e a erudição na divulgação científica*, 2009.
- MARTINS, Marci Fileti. *O que pode e deve ser dito sobre ciência no discurso da divulgação científica: “Nós precisamos da incerteza, é o único modo de continuar”*. In: INDURSKI, Freda et al. *O discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos, Editora Claraluz, 2009.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes 3ª edição, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Unicamp, 1998

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



¹Acadêmico do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo- Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas e pesquisador PIVIC.

E-mail: paulo.henriquesimon@gmail.com Fone: (54) 9926-0851

² Professora Dr. Coordenadora do projeto “Língua, sujeito e ideologia: O imaginário sobre língua construído pela/na mídia”.

E-mail: crschons@gmail.com Fone (54) 9998-7648